



PARA ALÉM DO LIVRO DIDÁTICO: AS FACETAS DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO NA DOCÊNCIA

Luciana Gama de Andrade

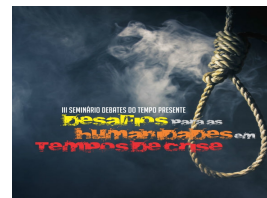
Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Tiradentes (UNIT)
Bolsista PIBIC 2017/2018 – CNPq pelo programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Tiradentes (UNIT)
Monitora da disciplina “História do Brasil Colonial” do curso de História (UNIT)
Integrante do Grupo De Pesquisa História, Memória e Identidade (GPHMEI/UNIT)
Integrante do Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica Sefardita (GPDAS) da
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
E-mail: lucianaandrade92@gmail.com

Lucas Wendell de Oliveira Barreto

Graduando em História Licenciatura pela Universidade Tiradentes
Voluntário de projeto de extensão (2017-2018)
Monitor da disciplina “Metodologias do ensino de História” do terceiro período
do curso de História (UNIT)
Bolsista PIBIC 2017/2018 – CNPq em projeto de Iniciação Científica
pelo programa de Pós-Graduação em Educação (UNIT)
Integrante dos grupos de pesquisa História, Memória e Identidade (GPHMEI/Cnpq)
Integrante do grupo de pesquisa História da Educação no Nordeste (GPHEN/Cnpq)
E-mail: lucaswendelloiver@gmail.com
ST 5 - Ensino de História e História da Educação: debates e perspectivas

A educação é um marco importante no processo histórico do homem, é através dela que se mantêm viva as tradições, culturas, o saber de um determinado tempo histórico, ou seja, ensinamentos que passaram de geração para geração na sociedade, possibilitando acréscimos e renovações. Segundo Piaget (1970) o principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram. É perceptível que este processo mostra como o homem constrói sua história durante sua existência na terra. Nesse contexto, o homem parte do pressuposto como ser crítico e consegue evoluir utilizando do conhecimento histórico para desenvolver-se a cada dia.

Assim, a educação é uma peça fundamental para a humanização da sociedade, fazendo com que o homem desconstrua, reconstrua e construa seus capítulos de vida e Faculdade Pio Décimo/Universidade Federal de Sergipe - 25 e 26 de abril de 2018



renove-se a cada dia historicamente. Em tempos de crise na democracia, modernidade líquida, produções midiáticas em massa, o indivíduo precisa estar despido de certas ignorâncias que o cercam. Por sua vez, o ensino de história deve despir-se de roupagens alienadas e alienantes. Desta forma, para que o cidadão seja sujeito adstrito ao conhecimento, defendemos a ideia de que ele precisa ter consciência da produção deste conhecimento, ou seja, precisa ser formado através de um ensino que mostre os caminhos da pesquisa. Dito isto, a atuação e a interferência na sociedade serão legitimadas pela criticidade do indivíduo, potencializada por um ensino de História atrelado a produção de saberes.

O professor é indispensável para a compreensão da história, como profissional capacitado para pesquisar e analisar fontes, estas ajudam na construção historiográfica da história humanidade, possibilitando o entendimento do presente através do passado, utilizando-se de várias interpretações que ajudarão a sociedade a se compreender. O professor de história como um transmutador de conhecimento tem como responsabilidade trabalhar em perspectiva crítica o saber com os alunos. Tendo em vista que o ensino é a socialização da pesquisa, a partir de um balanço bibliográfico destacaremos a importância dos profissionais de história para a produção de conhecimento histórico em sala de aula mediante o trabalho com livros didáticos, analisando a compreensão da história e a relação do seu objeto com tempo e espaço.

As interfaces da produção do conhecimento e o livro didático

O pesquisador de história é aquele que, independentemente do local de atuação, trabalha produzindo conhecimento histórico em um processo de rememoração. Seu trabalho está pautado na análise de ações humanas e nas suas consequências no mundo em que vivemos. Diante das inquietações do presente, ele procura descobrir, desconstruir e avaliar fatos, atividades e documentos utilizando métodos científicos em busca de respostas para suas problematizações. “É o chamado processo de dialética do conhecimento histórico, pois apresenta uma tese (hipótese), posta em relação (diálogo) com suas antíteses (objeto), resultando numa síntese (conhecimento histórico)” (THOMPSON, 1981, apud FRANÇA et al., 2014, p. 23). Trabalha

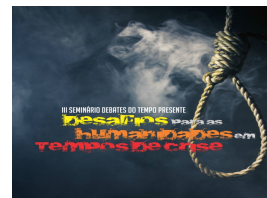


interdisciplinarmente com outras ciências para tentar alcançar o homem em seus sentimentos, pensamentos e atos. Tem interesse no homem na sua integralidade, não havendo, desta forma, partes mais ou menos importantes de suas singularidades.

Devido ao seu objeto estar em constante mudança, seria esdrúxulo se a história também não estivesse em construção a partir do conhecimento adquirido pelo historiador no exercício de seu ofício. A forma de interpretação de um fato modifica-se com um tempo, sendo também história a forma de trabalhar do pesquisador. Então, não há que se falar em verdades absolutas, pois “o passado é, por definição, um dado que não mais se modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (BLOCH, 2001, p. 75). Nessa perspectiva, o ensino de História deve se resumir ao reprodutivismo livresco ou ao reprodutivismo do conhecimento produzido pelos doutos?

Ilka Miglio (2017) abordou essa questão em seu livro “Urdidura e trama”, mostrando-nos as tensões da época da redemocratização em relação ao campo do ensino de História e a formação de professores. É evidente nas produções que abarcaram, na época, a formação de professores e a necessidade de um currículo que não dissociasse o ensino da pesquisa. Aprender e pesquisar são conceitos que se confundem pois ambos pressupõem a investigação, bem como o ensino e a pesquisa. Selva Guimarães Fonseca (2003) defende uma educação que alie o conhecimento à realidade do aluno. Para que o objeto do estudo esteja relacionado ao sujeito, considerando que o conhecimento histórico não é estático, o ensino vinculado a pesquisa corrobora para o desenvolvimento da compreensão crítica de mundo no cidadão. Dito isto, compreendemos que o papel do profissional de história é também de cidadania, oferecendo à humanidade o entendimento do presente a partir da sua escavação do passado, pois “quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado” (ORWELL, 2009).

Na era da informação digital não cabe mais ao meio escolar o papel de mero transmissor do conhecimento, vindo este já preparado em livros didáticos sem que haja qualquer discussão sobre o tema trabalhado. Não que isto signifique que o

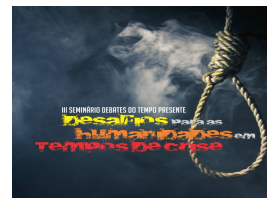


livro didático de História (LDH) deva ser abandonado, muito pelo contrário, pois em nosso país muitas famílias dispõem de escassos recursos para leitura e informação, e, justamente por esse motivo, cada um deles deve ser muito bem aproveitado. O que se defende aqui é que o livro não seja a única fonte utilizada pelo professor em sala de aula e que as outras fontes sejam trabalhadas de modo a corroborar, complementar ou até mesmo refutar o assunto nele discutido. Segundo Flávia Eloísa Caimi:

Durante muitos anos as análises acadêmicas sobre livros de história voltaram suas preocupações para dois principais aspectos: a falsificação e a simplificação na abordagem de conteúdos e a dimensão ideológica subjacente a tais falsificações e simplificações. Esses trabalhos, em geral, demonstravam a intencionalidade de apontar a presença/ausência de determinados conteúdos do livro didático de história, comparando sua abordagem com a produção historiográfica, para concluir, não raras vezes, que o livro operava num contexto de simplificação, ideologização e omissão dessa produção. (CAIMI, 2010, p. 102)

Um dos exemplos no qual pudemos identificar nas últimas análises de LDH, foi o recorrente apagamento de memória. Sem o aprofundamento sobre o conceito tendo em vista que não faz parte dos objetivos do presente artigo, sabemos que a memória é seletiva, o historiador seleciona o que virá a ser História, entretanto, na seleção de alguns aspectos históricos para compor determinado tema, faz-se necessária a correlação entre alguns pontos que, na composição desse tema, são imprescindíveis. Temos como exemplo a abordagem da chamada Idade Média no livro “História: Sociedade & Cidadania”, de 2015 para o 7º ano, que tem como autor Alfredo Boulos Júnior. Apesar de ser um livro com ótimas metodologias, atividades e propostas de leitura, percebemos uma visão ruralizada de Idade Média (tema), transmitindo para o leitor apenas a perspectiva “feudo-rural” (aspecto histórico 1), excluindo da História as próprias estruturas físicas e sociais das cidades medievais (aspecto histórico 2), que são elementos importantes, inclusive, para a compreensão das mudanças e permanências no período de transição para a Idade Moderna.

Assim, o processo de produção do conhecimento na docência inicia-se partir da análise prévia do LDH, observando os temas propostos e identificando possíveis problemas de produção, como os apagamentos de memórias imprescindíveis para a

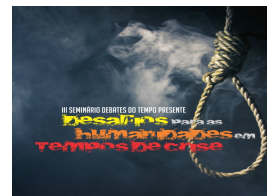


compreensão da História. A partir disso, é necessário o direcionamento da pesquisa, para, enfim, agregar valor ao que já está no livro didático. Há então uma articulação entre homem, tempo e espaço, na qual é feito um recorte do *continuum* história para que se crie o contexto histórico. Unindo contexto com a finalidade da investigação e, por conseguinte, do ensino do conteúdo, o historiador define os fatos e aspectos que irá privilegiar e as memórias que lhes são importantes.

Embora o PNLD tenha contribuído para uma avaliação do LDH, o professor precisa praticar um exercício de leitura crítica e de questionamentos. Para Marc Bloch, “é necessário que essa escolha ponderada seja extremamente flexível, suscetível de agregar, no caminho, uma multiplicidade de novos tópicos, e aberta a todas as surpresas” (BLOCH, 2001, P. 79). Devemos considerar que o LDH, assim como qualquer outro documento, não é de forma alguma neutro, sendo importante que o professor não se submeta às suas fontes, mantendo a criticidade e a contextualização. Logo, ele precisa familiarizar-se com o assunto através da pesquisa, estudá-lo a fim de que não tome tudo o que está escrito por verdade e produzir um conhecimento baseado na sua pesquisa para agregar valor ao seu ofício. Para tal, é necessário todo um processo de investigação que o autor Justino de Magalhães irá chamar de “equacionamento”:

As bases principais do equacionamento do epistêmico dizem respeito à relevância, à representatividade e à validade diante do conhecimento integrado [...] do objeto e das questões de natureza metodológica e de produção de narrativa, cujos conteúdos e tipo de discurso também (pre)determinam o processo de investigação. (MAGALHÃES, 2004, p. 140)

O profissional de história tem como papel primordial em sala de aula trabalhar temas a partir de questionamentos que façam o aluno pensar criticamente e perceber a conexão existente e necessária entre passado e presente para desconstruir as suas ideias preconcebidas. A criatividade e disposição do professor são essenciais nessa etapa para articular diversos materiais como: músicas, filmes, imagens, documentos, livros, entre outros. É com o acesso a essas fontes que os alunos poderão contestar suas ideias preconcebidas, iniciar a formação de ideias próprias e discuti-las em sala de aula com os colegas e o professor. De acordo com Villalta (1998) o ponto de partida da metodologia



de investigação são as situações-problema [...]. Na desconstrução, na reconstrução e na construção de discursos é preciso pôr os alunos para raciocinarem por si[...].

O professor, além de ter as ferramentas para chegar ao resultado, como o equacionamento/problematização, deve utilizar seus conceitos e pressupostos teóricos, mergulhando em um labirinto, onde através das perguntas feitas às fontes vai obter respostas ou chegar a caminhos sem saída, tendo muitas vezes que retornar para retomar com outros olhos sua pesquisa. O passo inicial no ensino de História é situar os alunos no cenário político, econômico e social do período tal qual fez Ginzburg na obra “O queijo e os vermes” a fim entender a sociedade e a mentalidade do Friuli do século XVI, entrelaçando a situação local com a vida do moleiro Menocchio. Assim, analisando suas diversas fontes e fazendo o cruzamento de dados, o professor vai se aprofundando no emaranhado social e visualizando melhor o quadro geral, corroborando ou refutando as hipóteses criadas através das respostas obtidas. Esse mesmo processo deve ser feito, também, pelos alunos. Magalhães afirma que:

Processo axiológico, a educação desafia o ser humano ao exercício de autonomia e de criatividade, sob uma responsabilização social e moral dos seus conhecimentos, juízos e atos. A razão, o bom senso [...], a capacidade de discernir, fazer e dizer, as capacidades de avaliar e responsabilizar-se são objetos da educação, nos planos social, e integram um constructo educacional. (MAGALHÃES, 2004, p. 29)

Esse constructo educacional ocorre numa via de mão dupla e deve ser construtivo em detrimento de um ensino nas bases tradicionais. A produção do conhecimento histórico excede o professor. Embora este seja sujeito fundamental da educação, o papel dele é ensinar o aluno os caminhos da pesquisa para que este traga conhecimentos para sala de aula. Desta forma, o professor sai do centro da produção e traz o aluno para o mundo da pesquisa, assumindo uma postura de mediador do saber. Ademais, a história serve para trazer a compreensão do processo de formação da humanidade, mas de uma forma onde possamos adequar seus saberes para o tempo no qual nos encontramos. A missão do professor é justamente a de auxiliar na compreensão e formação do conhecimento histórico crítico, esclarecendo os alunos para seu papel de atores sociais que devem tomar as rédeas de suas vidas. A partir dessa consciência de

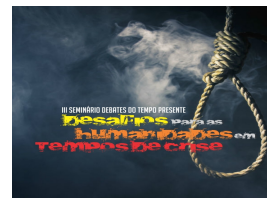


cidadão eles poderão se tornar as mudanças que desejam ver na sociedade na qual estão inseridos e abandonar a ideia de meros espectadores

No ensino tradicional, todo esse encanto da pesquisa parece não conseguir adentrar a sala de aula. Na verdade, não só o encanto, mas também a ausência da própria pesquisa se faz presente no aprendizado escolar. Conforme Fonseca (2009, p.117) a prática de “pesquisa” no ensino fundamental e médio continua, em muitos casos, sendo um mero “faz-de-conta”: um dos momentos onde o professor “finge que ensina e o aluno finge que aprende”. Quando se trata de História é comum encontrar pessoas que ao longo dos anos escolares não encontraram nem estímulo e nem utilidade para estudar uma série de fatos do passado sem conexão com o presente, no qual consistia em decorar datas e nomes de figuras importantes distantes do seu dia a dia. Mesmo com a presença de outras correntes historiográficas, a visão positivista ainda tem bases fortes no ensino de história, com professores que ainda pregam a imparcialidade e o ensino sem debates. Todavia, apesar de comumente aplicado, mostra-se falho a despertar a criticidade e a articulação com o presente imprescindíveis para que o ensino de história cumpra sua função social.

Observa-se no ensino de História diferentes posicionamentos das correntes historiográficas. No ensino tradicional, o professor assume o reprodutivismo livresco ocupando o papel de observador passivo da história conforme dispõe o Positivismo, em que os escritos seriam narrados sem interpretações, deixando o documento histórico falar por si só. Em contraposição ao Positivismo temos as historiografias Marxista e Nova História, influenciada pela Escola dos Annales. No período da redemocratização, com os debates referentes ao ensino, essas tendências ganharam espaço privilegiado nas produções do campo do ensino de História. Assim, contribuíram para um ensino dinâmico e proporcionaram ao professor de História a possibilidade de posicionar-se diante das fontes, que são um caminho para este.

Além disso, podemos perceber o caráter formativo do professor de história. Selva Guimarães (2003) defende que o ensino deve se processar numa perspectiva da história vista de baixo. Dessa forma, com a corrente da Nova História se percebe a preocupação do profissional da história em dar voz a esses segmentos (mulheres, crianças, indígenas, africanos e entre outros), reconstruindo a história a partir da ótica



dos silenciados. A partir de sua visão, o professor tem a capacidade de formar alunos conhecedores das verdadeiras memórias/identidades do Brasil que são e foram apagadas pelo ensino tradicional, em uma prática alienada e alienante. Para tal, o professor de história deve ter sempre o domínio do conteúdo a ser ensinado, pois “não ensinamos ‘qualquer coisa’, ensinamos história; trabalhamos com conhecimento histórico [...]” (SILVA, 2013, p. 15). Ademais, Marcos Silva propõe um compromisso ético do profissional de história com a prática de um ensino da melhor história possível.

No livro *Didática e a Prática do Ensino de História*, Selva Guimarães da Fonseca escreve sobre o uso de projeto de pesquisa com alunos, demonstrando a partir de sua experiência como a pesquisa pode ser apropriadamente aplicada em sala de aula abandonando sua restrição ao meio acadêmico. Segundo a mesma, ensinar história requer um diálogo permanente com diferentes saberes, produzidos em diferentes níveis e espaços. Assim, aluno e professor enquanto sujeitos da ação pedagógica vão investigar as situações-problema, trabalhando com as fontes utilizando a curiosidade e a criatividade, desconstruindo e reconstruindo ideias e sintetizando-as em conhecimento histórico. Dessa forma, a produção de conhecimento não fica contida somente aos pesquisadores de história, uma vez que todo e qualquer conhecimento deve ser refletido, analisado de forma crítica para que seja absorvido da melhor forma possível pelo indivíduo.

Logo, a importância da ação do historiador sobre o conhecimento é claramente percebida na própria história da História, na qual políticos e governantes tentam ocultar da população sua identidade e limitar a capacidade de questionamento, através de um processo de ensino alienante e de transmissão mecânica de conhecimento. Fica claro que este é o compromisso social do historiador, utilizando o conhecimento como um agente libertador, trazendo a luz do entendimento e pondo um fim nas trevas da ignorância e dos preconceitos., pois um povo que não se conhece não pode se entender na sua essência.

Considerações finais

O ato de trazer à tona fatos encobertos pelo tempo através da pesquisa é um desafio para o professor. Entretanto, o conhecimento é parte integrante da sua trajetória



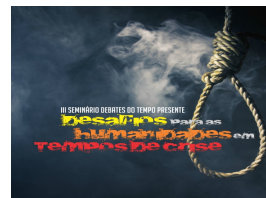
e da vida de qualquer pessoa, sendo para o homem como o oxigênio, movendo a sua vida como ser pensante que habita este planeta. Como foi discutido acima este vem aperfeiçoando-se na sociedade em um processo de evolução humana em que habilidades de mudanças são diariamente descobertas. O conhecimento histórico é fruto da investigação humana a partir da análise dos vestígios do passado em fontes. Esta análise não é de forma alguma imparcial e reflete também o pensamento da época em que foi feita. Ela encontra-se sempre em construção devido ao caráter subjetivo da interpretação dos fatos e apesar de encontrar-se quase que restrita ao meio acadêmico.

O profissional da História é peça fundamental enquanto agente facilitador e produtor de conhecimento para a humanidade. É ator social com a responsabilidade de incitar as pessoas a desenvolver seu instinto investigativo e o senso crítico, tornando-se cidadãos aptos a mudar a sociedade em que estão inseridos. A adição da pesquisa no meio escolar pode despertar desde cedo essa curiosidade e capacidade de questionamento, tão necessários para o meio em que vivemos.

Desta forma é imprescindível que estes profissionais estejam preparados e repletos de conhecimento. O objetivo de seu trabalho é mostrar que a história está ao nosso redor em tudo que contenha a participação do homem e não somente em fatos isolados do nosso cotidiano que nos fazem questionar a utilidade de uma história na qual não conseguimos nos relacionar. Logo, é com o ensino da melhor história que estes conseguem ensinar que se produz não somente o conhecimento histórico, mas também se produz pessoas aptas para continuar o legado evolutivo da humanidade.

Referências Bibliográficas

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História: sociedade & cidadania*, 7º ano. 3 ed. São Paulo: FTD, 2015.
- CAIMI, Flávia Eloísa. **Escolhas e usos do livro didático de História**. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel et al (Orgs). *Ensino de história: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: Exclamação: ANPUH/RS. 2010, p. 101-114.



- FRANÇA, C. S.; SOUZA, E. A.; KLANOVICZ, J. et al. **Introdução aos Estudos Históricos**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2014.
- FONSECA, Selva Guimarães de. **Didática e prática do ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizado**. Campinas – SP: Papyrus, 2003.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HISTÓRIA: o ofício do historiador - Maria Helena Capelato. Produção: Unifesp TV. 2015, Brasil. 29 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=deVwuwS5Gqg>>. Acesso: setembro, 2016.
- MAGALHÃES, Justino de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: São Francisco, 2004.
- MARQUES, Manuel Nunes. **Origem e Evolução do nosso calendário**. Disponível no site: <<http://www.mat.uc.pt/~helios/Mestre/H01orige.htm>>. Acesso em: setembro, 2016.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PIAGET, Jean William Fritz. **Science of Education and the Psychology of the Child**. New York: Orion Press, 1970.
- PRIBERAM DICIONÁRIO. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/fonte>>. Acessado em: setembro, 2016.
- SILVA, Marcos (org.). **História: Que ensino é esse?** – Campinas, SP: Papyrus, 2013.
- UMA cidade sem passado. Direção: Michael Verhoeven. Produção: Michael Senftleben. 1990, Alemanha. 92 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kKiykbMCtRM>>. Acesso em: agosto, 2016.
- VILLALTA, Luís Carlos. **O ensino de história e a metodologia da investigação. Caderno do professor**. Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Educação/ Centro de Referência do Professor. n.3, p 15-22, out.1998.